



SOFRIMENTOS EVIDENCIADOS POR ADOLESCENTES ATRAVÉS DE RODAS DE CONVERSA NO RETORNO DAS AULAS PRESENCIAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA DO COVID-19

Antônia Grazielle De Almeida Vieira¹

Murilo Bento De Aquino²

Maria Karoline Sampaio Martins³

Breno Sousa Bandeira⁴

Carolina Maria De Lima Carvalho⁵

RESUMO

Em razão da pandemia do Covid-19, haja visto as medidas de enfrentamento na época, os adolescentes foram expostos a sofrimentos quando viveram o isolamento social, gerando um impacto psicológico negativo. Objetivou-se com este estudo identificar os sofrimentos evidenciados por esses adolescentes. Estudo de caráter exploratório-descritivo com abordagem qualitativa, foi realizado em uma escola pública no município de Redenção, aplicado doze Rodas de Conversa com duas turmas do ensino médio. Os dados foram analisados pela análise de conteúdo de Bardin. Este estudo foi efetuado cumprindo a Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde. Participaram da pesquisa 50 alunos, na qual 54% são moças e 46% são rapazes com idade média geral de 16,4. As Rodas de Conversa foram eficazes, por facilitar o processo de retorno das aulas de modo presencial, no qual os participantes conseguiram escutar de forma ativa e expor suas emoções para a turma. Cada encontro foi fortalecido o vínculo entre os participantes e identificado os sofrimentos que predominaram diante desse contexto. Conclui-se que a Roda de Conversa, mostrou-se uma importante tecnologia para contribuir no cuidado à saúde mental de adolescentes, necessitando de um espaço em saúde mental na escola, frisando medidas para amenizar tais sentimentos, evidenciado por eles.

Palavras-chave: Saúde Mental; Covid; Adolescente; Ensino Presencial.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Ciências da Saúde, Discente, agraziele914@gmail.com¹

Escola de Ensino Médio Dr. Brunilo Jacó, Ensino Médio, Discente, murilobento240@gmail.com²

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Ciências da Saúde, Discente, mariakarolinesampaio@gmail.com³

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Ciências da Saúde, Discente, brenoobandeira@gmail.com⁴

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Ciências da Saúde, Docente, carolinacarvalho@unilab.edu.br⁵



INTRODUÇÃO

No início do ano de 2020 foi declarada pandemia em razão da doença causada pelo Covid-19. Como forma de evitar a contaminação viral, as principais organizações de saúde e especialistas da área médica recomendaram o isolamento social, visto que, até então, não havia vacinas ou remédios cientificamente comprovados para frear a transmissão e a letalidade do novo vírus (ALMEIDA IMG, JÚNIOR AAS, 2021).

Segundo o World Health Organization, a adolescência constitui uma fase da vida de grandes transformações emocionais, cognitivas, sociais e corporais. Com isso, durante o confinamento da quarentena os níveis de ansiedade, depressão e estresse aumentam gerando um impacto psicológico negativo nos estudantes. Torna-se imprescindível dar continuidade às relações sociais, estimular a solidariedade e a resiliência (MAIA & DIAS, 2020).

Por estarem em uma transição para a vida adulta, os adolescentes perpassam por mudanças complexas e possuem uma maior necessidade pela interação social extrafamiliar se desvinculando gradativamente do meio familiar. (GOMES AD, et al., 2021). Educadores, profissionais de saúde e pais estão sendo desafiados a lidar com as emoções dos adolescentes em função das mudanças ocorridas em suas vidas, principalmente no que diz respeito ao distanciamento social do ambiente escolar decorrente da Pandemia COVID-19 (GOMES, A. et al.).

Esses adolescentes se tornaram vulneráveis, visto a incapacidade ou dificuldade de lidar com o estresse e o enfrentamento às novas situações, bem como em expressar seus sentimentos (IMRAN; ZESHAN; PERVAIZ, 2020). Em todo o mundo, foram expostos ao sofrimento quando viveram o isolamento social, os impactos econômicos e sociais em suas famílias, as perdas de familiares, a preocupação em se infectar ou infectar os outros, o distanciamento (LAHR; TOGNETTA, 2021).

Diante dessa nova situação, os adolescentes precisam de um espaço de cuidado da saúde mental, bem como o desenvolvimento de atividades que visem prevenir e tratar doenças relacionadas à saúde mental. Este estudo torna-se de extrema importância, pois incita uma reflexão crítica sobre os sofrimentos que foram e estão sendo vivenciados.

À vista disso, o objetivo do estudo foi identificar os sofrimentos evidenciados por esses estudantes no retorno das aulas presenciais, na pandemia de Covid-19, por meio de rodas de conversa.

METODOLOGIA

Tratou-se de um estudo exploratório-descritivo com abordagem qualitativa. A metodologia utilizada para coleta de dados foi a Roda de Conversa com adolescentes e para análise desses dados a análise da Bardin. Foi realizada com duas turmas específicas (grupo focal), de uma escola de ensino médio localizada no município de Redenção, Estado do Ceará com duas turmas, sendo 1º ano e a outra do 3º ano (do ensino médio), cada turma participou de seis Rodas de Conversa, totalizando doze rodas.

Referentes aos critérios de elegibilidade consideraram-se como critérios de inclusão: aceitar livremente participar de todos os momentos propostos, totalizando seis encontros, no mínimo; assinar o Termo de Assentimento para aqueles participantes menores de idade; entregar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos pais ou responsáveis legais. Para critério de exclusão: alunos que não assinaram os termos, os participantes que estão de licença maternidade ou com atestado médico e os que estão com suspensão temporária da escola.

Nessa perspectiva, foram aplicadas Rodas de Conversa voltadas à saúde mental de alunos representantes de turmas iniciais e finais do ensino médio durante o retorno das aulas presenciais após a pandemia da



Covid-19, em que foi possível observar quais foram os sofrimentos evidenciados. O instrumento de coleta de dados foi aplicado, no final do processo terapêutico, no qual se utilizou um roteiro estruturado, elaborado pelos próprios pesquisadores, composto por questões objetivas sobre os aspectos sociodemográficos, seguido de um questionário semiestruturado elaborado pelos próprios pesquisadores, composto por seis questões subjetivas.

Para preservar o anonimato dos participantes, a identificação das falas foi feita por meio da codificação dos depoimentos, em que a letra X representa adolescentes do 1º ano e a letra Y representa os adolescentes do 3º ano e o número indica sua colocação na sequência das falas do grupo focal durante as rodas.

O projeto de pesquisa atendeu às normas da Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde - CNS. A pesquisa teve parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), segundo o parecer nº 6.124.101/2023.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização dos participantes

Foram entregues 67 termos, tanto o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) quanto o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), no qual obtivemos o retorno de 50 termos devidamente assinados pelos alunos e responsáveis. Em que 27 eram alunos do 1º ano e 23 eram do 3º ano, com 46% (n=23) dos alunos participantes do estudo são rapazes e 54% (n=27) são moças, com idade média geral de 16,4, sendo o mínimo 15 anos e o máximo de 19 anos. Todos cursam o ensino médio (100%) e apresentam faixa etária de idade de 14 a 18 anos, com idade média 16,6 anos.

De acordo com as características dos participantes do estudo a maioria é do gênero feminino (54%), a maioria com idade 15 anos (34%), solteiro (94%), renda familiar igual a 1 salário mínimo (38%), reside na mesma cidade que estuda (74%), cursa 1º ano do ensino médio (54%), com rendimento escolar regular (44%).

Análise do conteúdo

Segundo categorização, os temas discutidos durante as rodas de conversa, como também, dados do instrumento, versaram sobre: dificuldade na aprendizagem, exaustão física e mental e ansiedade. Após o levantamento de 03 categorias, consolidou-se a criação de 6 subcategorias, as quais foram relacionadas aos sofrimentos vivenciados, conforme observa-se abaixo:

Categoria 1: Dificuldade na aprendizagem

Subcategorização 01: Dificuldade em acompanhar os conteúdos

“Me senti muito triste, pois não conseguia acompanhar o conteúdo, me sentindo muito perdida, me prejudicando ainda mais.” (X-1)

“Durante a pandemia não consegui me concentrar, por isso no retorno das aulas presenciais tive muita dificuldade em aprender, em acompanhar o ritmo novamente.” (Y-9)

Sofrimentos evidenciados: Tristeza; Desconforto; Frustração.

Subcategorização 02: Falta de concentração

“Durante as aulas não conseguia me concentrar na aula, acho que foi devido ao período remoto, muito tempo acostumado com as telas.” (X-23)

“No retorno das aulas fiquei bastante inquieto sem conseguir me concentrar no trabalho, nas aulas dos professores, estou me sentindo péssimo pois esse é um ano decisivo para mim, ENEM.” (Y-12)

Sofrimentos evidenciados: Desconcentração; Sobrecarga.

Para os alunos que fizeram parte deste estudo, durante as rodas de conversa, percebeu-se que no retorno das



aulas presenciais após a pandemia da Covid-19, transcorreu dificuldade na aprendizagem, conforme se apresenta na categoria 01, com isso despertou tristeza, desconforto e frustração. Perante o período pandêmico, por mais que a educação tenha se reinventado para garantir o processo educacional, diminuindo as dificuldades do período, Miranda et al. (2020, p. 10) explica que “para os discentes as principais dificuldades são a ausência de internet, aparelhos tecnológicos como Notebook, Computador, etc. No qual, na maioria das vezes, o único recurso tecnológico acessível é o celular”.

A dificuldade em acompanhar os conteúdos no retorno presencial foi uma da subcategorização devido tanto à desconcentração quanto à sobrecarga, principalmente, naqueles alunos do 3º ano, visto que é um ano decisivo para obter aprovação no exame nacional do ensino médio (ENEM) e assim ingressar no ambiente universitário, ou de entrar no mercado de trabalho com nível médio, logo, há uma pressão dos responsáveis e dos próprios alunos.

Categoria 2: Exaustão física e mental

Subcategorização 01: Indisposição

“No retorno das aulas me senti muito cansado tanto físico, quanto mental e antes da pandemia eu não era assim, tinha muita disposição e agora me sinto muito indisposto em sair de casa.” (X- 16)

“Tendo aula todos os dias presenciais depois da pandemia, me sinto cansado e muito ansioso, não consigo mais ser produtivo” (X-22)

“percebi que durante a pandemia tive muito contato com telas de notebook e celular e isso me causou grande prejuízo cognitivo.”(Y- 24).

“Não consigo realizar as tarefas que para mim antes eram fáceis, me sinto cansada e indisposta para realizar as atividades, e com isso

preocupada pois esse ano terei que fazer o ENEM.” (Y- 17)

Sofrimentos evidenciados: Cansaço; Esgotamento mental; Ansiedade.

Subcategorização 02: Contato físico prejudicado

“Com o isolamento, perdi o contato das pessoas por bastante tempo, moro sozinha com minha mãe, na volta às aulas fiquei muito ansiosa porque não queria abraçar ninguém... minha mãe já é de idade, tenho medo de passar doença pra ela.” (Y-13)

Sofrimentos evidenciados: Medo.

A partir da fala dos participantes é notório observar na categoria 02, o quanto o retorno após a pandemia foi bastante desgastante, pois durante o período pandêmico tiveram que reinventar todas as práticas e após a pandemia reinventar novamente para readaptar-se a uma realidade vivenciada antes. Segundo afirmativa de Henrique (2020, p. 174), reflete a respeito do “isolamento social físico”, já que nossas práticas de sociabilidade foram reinventadas e não paralisadas. Com isso, é predominante o grande desgaste tanto físico quanto mental, durante e após o período pandêmico.

As tecnologias trouxeram muitos benefícios, mas também malefícios devido a essas atividades, com isso pelas falas dos adolescentes, é possível identificar que todo esse cansaço foi devido as telas dos eletrônicos. Ademais, retomando à afirmativa de Henrique (2020, p. 174), e a segunda subcategorização da categoria 02, o contato físico, foi algo prevalente em ambas as turmas, em todos os momentos eles tinham receio em abraçar o colega, fazer elogio, ou algo do tipo e isso foi bastante relatado nos instrumentos, evidenciando o cansaço, esgotamento mental, ansiedade e medo.

Categoria 3: Ansiedade

Subcategorização 01: Preocupação.

“Com o retorno das aulas na escola, fiquei bastante preocupada em ficar doente, isso me gerou muita ansiedade, pois sabia que o vírus ainda existia e ainda estava causando mortes.” (X-08)



Sofrimentos evidenciados: Ansiedade; Insegurança.

Subcategorização 02: Insegurança

“Fiquei muito insegura com as aulas presenciais pois eu parei de fazer academia e engordei bastante... meus colegas poderiam mamar de mim”. (X-19)

Sofrimentos evidenciados: Baixa autoestima.

É possível observar na categoria 03, a persistência da ansiedade e insegurança ocasionada por essa conjuntura atípica, no qual alguns participantes tinham medo de ir à escola e ao retornar para casa contaminar seus familiares, o agravamento deste sentimento negativo, transcorria, sobretudo em caso de parentes em grupo de risco. O estudo de Wroblevski et al, (2022), apontam que a imagem corporal, mais especificamente a insatisfação com o corpo, tem impacto sobre a saúde mental dos adolescentes, pois foi possível encontrar efeitos significativos da insatisfação corporal sobre o sentimento de solidão, insônia e dificuldade de socializar, causando baixa auto-estima.

CONCLUSÕES

Salienta-se o quanto a roda de conversa é importante para um tecido social. Entretanto, faz-se necessário, uma tecnologia de escuta individual, perante o receio do adolescente expôr-se ao público. Sendo assim, é importante que seja trabalhado com os adolescentes a questão dos sofrimentos evidenciado por eles, é importante para aqueles que não se expressam por uma questão maior, como de algum trauma sofrido, por exemplo. Necessitando de medidas interventivas por meio do núcleo gestor para quebrar barreiras e isso já estava sendo quebrada durante as rodas de conversa por meio das dinâmicas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap) pelo financiamento da pesquisa intitulada CONTRIBUIÇÃO DAS RODAS DE CONVERSA COMO ESTRATÉGIA DE CUIDADO EM SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES REFERENTE AO RETORNO DAS AULAS PRESENCIAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA DO COVID-19 executada entre 01/09/2022 a 31/08/2023, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) e Tecnológica (Pibiti), da Unilab.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA IMG,JÚNIOR AAS. Os impactos biopsicossociais sofridos pela população infantil durante a pandemia do COVID-19. Research, Society and Development. 2021;10(2):e54210212286.
- GOMES AD, et al. Emoções manifestadas por adolescentes escolares na pandemia do COVID-19. Research, Society and development, 2021;
- HENRIQUE, T. COVID-19 e a internet (ou estou em isolamento social físico). Interfaces Científicas -Humanas e Sociais, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 173-176, 2020. Acesso em: 31 jul. 2023.
- IMRAN, N.; ZESHAN, M.; PERVAIZ, Z. Mental health considerations for children & adolescents in COVID-19 pandemic. Pak J Med Sci, v. 36, n. COVID19-S4, 2020. Acesso em: 06 out. 2023.
- LAHR, T. B. S.; TOGNETTA, L. R. P. Proteção e bem-estar na escola: Um emaranhado de nós para desatar em



contextos pós-pandêmicos. Tópicos Educacionais, v.27,n.1,p.62-78,2021. Acesso em: 04 out. 2023.

MAIA, B. R.; Dias, P. C.(2020). Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. Estudos de Psicologia. Campinas,37,e200067

MIRANDA, Kacia Kyssy Câmara De Oliveira et al. Aulas remotas em tempo de pandemia: desafios e percepções de professores e alunos. Anais VII CONEDU - Edição Online... Campina Grande: Realize Editora, 2020. Acesso em: 06/10/2023

World Health Organization. Inequalities in young people's health. Health Behavior in School - Aged Children. International Report from 2005-2006. Health Police for Children and Adolescents, n. 5; 2008.

WROBLEVSKI, B.; LUCAS, M. S.; SILVA, R. M.; CUNHA, M. S. Relação entre insatisfação corporal e saúde mental dos adolescentes brasileiros: um estudo com representatividade nacional. Ciência & Saúde Coletiva, v. 27, n. 8, p. 3227-3238. 2022. Acesso em: 31 Jul. 2023.